

SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS
MARIA FRANCISCA XAVIER

Maria Henriqueta Costa Campos

Maria Francisca Xavier

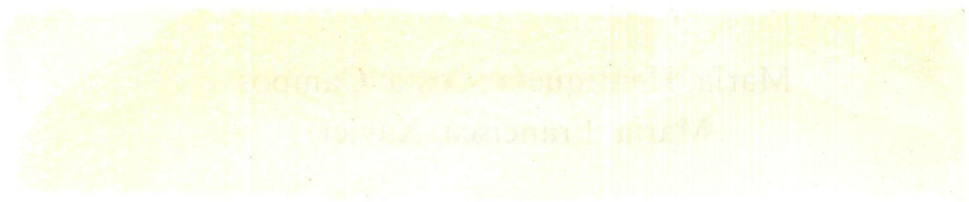
SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

Universidade Aberta

1991

UNIVERSIDADE
ABERTA

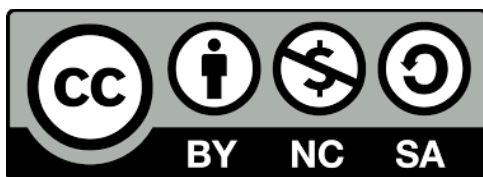
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Copyright © UNIVERSIDADE ABERTA
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1200 Lisboa

D.L.: 45.193/91
I.S.B.N.: 972-674-072-X

PC 12 24
972-674-072-X



Sintaxe e Semântica do Português

1. Introdução

- 13 **Objectivos**
- 13 Objectivos gerais
- 14 Objectivos específicos

2. Conceitos básicos

- 17 **Tábua de matérias**
- 18 **Objectivos**
- 19 **Objectivo da Linguística**
- 19 Níveis de representação
- 21 Definição de objectivos
- 22 **Competência linguística**
- 23 Criatividade linguística
- 24 Intuição linguística
- 26 **Competência e performance**
- 27 Gramaticalidade e aceitabilidade
- 29 Criatividade específica da performance
- 31 **O domínio da sintaxe e semântica**
- 32 Frase e enunciado
- 34 **Tópicos de recapitulação geral**
- 34 **Referências bibliográficas**

3. A organização de uma gramática

- 37 **Tábua de matérias**
- 38 **Objectivos**
- 40 **O modelo T**
- 40 **A relação entre as componentes da Gramática**
- 49 **Tópicos de recapitulação geral**
- 50 **Referências bibliográficas**

4. Sobre funções gramaticais

- 53 **Tábua de matérias**
- 54 **Objectivos**
- 55 **Conceitos tradicionais e definições formais**

68	Conceitos formais utilizados
72	A teoria da regência
73	Comando de constituinte
75	A ordem de constituintes
77	A ordem de constituintes transformada
79	Tópicos de recapitulação geral
79	Referências bibliográficas

5. Relações semânticas e papéis temáticos

83	Tábua de matérias
84	Objectivos
85	A grelha temática dos predicados lexicais
90	Papéis temáticos
94	Alguns primitivos semânticos
95	Verbos agentivos e não agentivos
99	A hierarquia temática
102	Verbos psicológicos
103	Tópicos de recapitulação geral
104	Referências bibliográficas

6. A Sintaxe X-Barra

107	Tábua de matérias
108	Objectivos
110	O esquema X-Barra
111	A estrutura dos sintagmas
116	A estrutura do SN
116	O núcleo do SN
122	Complementos e adjuntos
138	A estrutura do SV
138	O núcleo do SV
139	Complementos e adjuntos
147	A estrutura do SC
147	O núcleo do SC
148	O complemento e o especificador
154	Tópicos de recapitulação geral
154	Referências bibliográficas

7. Léxico e sintaxe

159	Tábua de matérias
160	Objectivos
165	Atribuição dos papéis temáticos
166	Argumento externo e argumentos internos
170	O caso estrutural e o caso inerente
172	Os casos estruturais
178	A hipótese inacusativa
186	Os casos inerentes
189	A classificação verbal
191	Algumas entradas lexicais
191	Os verbos
204	Nomes, adjectivos, advérbios e preposições
211	Tópicos de recapitulação geral
211	Referências bibliográficas

8. Estrutura semântica do enunciado

217	Tábua de matérias
218	Objectivos
219	Sentido e referente
219	Sentido e sistema
221	Referência e enunciação
222	O referente do enunciado
223	Sobre a referência
223	Expressões referenciais e expressões predicativas
224	Expressões definidas e expressões indefinidas
225	Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
226	Ambiguidade referencial
227	Expressões definidas
229	Referente e valor referencial
230	Tópicos de recapitulação geral
231	Referências bibliográficas

9. Estrutura semântica do léxico

235	Tábua de matérias
236	Objectivos
237	Antonímia coplementar
240	Antonímia graduável
243	Antonímia conversa
245	Hiponímia
247	Relações parte-todo
250	Tópicos de recapitulação geral
250	Referências bibliográficas

10. Algumas estruturas sintácticas do português

253	Tábua de matérias
254	Objectivos
255	A construção interrogativa
255	A interrogativa total
256	A interrogativa total directa
257	A interrogativa total indirecta
258	A interrogativa parcial
259	A interrogativa parcial directa
261	A interrogativa de complemento directo
266	A interrogativa de sujeito
268	A interrogativa de complemento indirecto
269	A interrogativa de adjunto circunstancial
271	A interrogativa parcial indirecta
274	A construção relativa
276	Distribuição das construções relativas
276	A construção relativa sujeito
278	A construção relativa complemento directo
279	A construção relativa complemento indirecto
280	A construção relativa adjunto circunstancial
282	A estrutura interna das orações relativas
286	A teoria do movimento e a teoria da ligação
290	Tópicos de recapitulação geral
290	Referências bibliográficas

11. Construção de valores referenciais de algumas categorias gramaticais do português

293	Tábua de matérias
294	Objectivos
302	Valores aspectuais-temporais
302	Tempos gramaticais e referência temporal-aspectual
307	Adverbiais de tempo
309	Adverbiais de localização temporal
311	Adverbiais de localização aspectual
312	Natureza aspectual da relação predicativa
314	Eventos
317	Estados e actividades
320	A tipologia de Vendler
322	Relações predicativas e adverbiais de realização
324	Interdependência na construção do valor aspectual
327	Particularidades aspectuais de alguns tempos gramaticais do português
327	Pretérito perfeito simples
331	Pretérito perfeito composto
338	Valores modais
339	Tipos de modalidade
339	Modalidade epistémica
341	Modalidade apreciativa
342	Modalidade intersujeitos
343	A interrogação
343	A interrogação total
345	A interrogação parcial
347	A interrogação retórica
349	O conceito de pré-construído
351	As construções relativas
352	A construção causal marcada por 'já que'
354	Em guisa de introdução
355	Tópicos de recapitulação geral
356	Referências bibliográficas

12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

359	Tábua de matérias
360	Objectivos
361	Referência anafórica
364	Referência actual e referência virtual
365	Anáfora contextual
365	Anáfora pronominal

366	Anáfora nominal
368	Anáfora lexical
371	O especificador do anafórico nominal
373	Correferência e anáfora
374	Alguns tipos diferentes de relação anafórica

377	Referência deíctica
378	Referência deíctica e referência anafórica

379	Tópicos de recapitulação geral
-----	---------------------------------------

379	Referências bibliográficas
-----	-----------------------------------

381	Bibliografia geral
-----	---------------------------

9. Estrutura semântica do léxico

TÁBUA DE MATÉRIAS

- 9. **Estrutura semântica do léxico**
 - Objectivos
- 9.1 **Antonímia complementar**
- 9.2 **Antonímia graduável**
- 9.3 **Antonímia conversa**
- 9.4 **Hiponímia**
- 9.5 **Relações parte-todo**
- 9.6 **Tópicos de recapitulação geral**
 - Referências bibliográficas

Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- reconhecer e definir formalmente alguns subsistemas lexicais no interior do léxico do português, através das relações semânticas que os seus elementos mantêm entre si;
- relacionar as características semânticas dos subsistemas lexicais acima referidos com características sintácticas das unidades lexicais que os integram.

No âmbito desta cadeira situamo-nos fundamentalmente, como atrás foi dito, numa perspectiva de semântica da frase e do enunciado. Iremos, no entanto, debruçar-nos sobre alguns aspectos que são, tradicionalmente, do domínio da semântica lexical.

Definimos¹ o sentido de uma expressão como o lugar que essa expressão ocupa num sistema de relações semânticas com outras expressões da língua. Vamos agora restringir as nossas observações às unidades lexicais, isto é, às formas linguísticas que podem constituir ou núcleos de expressões referenciais ou expressões predicativas.

¹ Ver unidade 8

Admite-se que o léxico de uma língua constitui um sistema com determinada estrutura semântica, e que, no interior desse sistema, se podem definir subsistemas com base em relações semânticas entre as unidades lexicais que os integram. Não parece fácil, ou sequer possível, encontrar uma estruturação semântica que envolva a globalidade do léxico: qual poderia ser a relação semântica entre *hexágono*, *perto*, *comprar* e *passar no exame*? Podem, no entanto, definir-se diferentes relações entre, por exemplo, *hexágono* e *polígono*, *perto* e *longe*, *comprar* e *vender*, *passar no exame* e *reprovar no exame*.

Vamos analisar, nesta unidade, alguns tipos de relações semânticas que, no léxico do português, se podem revelar pertinentes para os estudos de sintaxe e semântica, nas perspectivas intra e interfrásica.

9.1 Antonímia complementar

Observemos as seguintes frases:

- (1) a. ele sabe quem é X
b. ele ignora quem é X

O nosso conhecimento do léxico do português permite-nos afirmar o seguinte:

- (i) se a frase (1a) é verdadeira, então a frase (1b) é falsa;
(ii) se a frase (1a) é falsa, então a frase (1b) é verdadeira.

Esta conclusão corresponde às seguintes relações de implicação: a asserção positiva de *saber* (*ele sabe*) implica (\rightarrow) a asserção negativa de *ignorar* (*ele não ignora*), e, simultaneamente, a asserção negativa de *saber* (*ele não sabe*) implica a asserção positiva de *ignorar* (*ele ignora*):

- (2) ele sabe quem é X \rightarrow ele não ignora quem é X
ele não sabe quem é X \rightarrow ele ignora quem é X

Pode então dizer-se que entre *saber* e *ignorar* existe uma relação semântica de **antonímia binária complementar**. E diremos, generalizando, que entre duas

unidades lexicais P e Q há uma relação de antonímia binária complementar se, no uso predicativo dessas unidades (isto é, quando, numa frase, as unidades lexicais funcionam como predicados), a asserção positiva de P implica a asserção negativa de Q, e a asserção negativa de P implica a asserção positiva de Q. É o que se passa, entre outros, com os seguintes pares de unidades: *mentir/dizer a verdade, morto/vivo, inocente/culpado, par/ímpar* (se o universo de referência, neste último caso, se limitar ao conjunto dos números inteiros):

- (3) ele mentiu → ele não disse a verdade
ele não mentiu → ele disse a verdade
- (4) ele está morto → ele não está vivo
ele não está morto → ele está vivo
- (5) ele é inocente → ele não é culpado
ele não é inocente → ele é culpado
- (6) este número é par → este número não é ímpar
este número não é par → este número é ímpar

As unidades lexicais em relação de antonímia binária complementar constituem um subsistema em que são os dois únicos valores possíveis: são, por definição, incompatíveis, e apresentam-se, portanto, em alternativa.

Em termos físicos objectivos, não há necessariamente complementaridade binária entre, por exemplo, o que é «vida» e o que é «morte» — o desenvolvimento da ciência define situações intermédias, pode-se estar vivo para efeitos legais, embora clinicamente morto. Uma situação como esta corresponderia a um terceiro elemento do subsistema. Mas, linguisticamente, há sempre construção de uma relação de complementaridade binária entre as unidades (*estar vivo* e *estar morto*). É prova disso o facto de as sequências seguintes serem interpretadas como contradições, isto é, como necessariamente falsas:

- (7) a. ele está vivo e está morto
b. o morto ainda estava vivo

A não ser que, neste último caso, a expressão nominal *o morto*, acompanhada de uma curva melódica adequada, constitua a retoma de uma asserção feita numa enunciação anterior, e esse facto seria marcado graficamente pela utilização de aspas duplas:

- (8) A: Ouvi dizer que o Sr.X morreu a semana passada.
B: Então esta manhã o «morto» ainda estava vivo. Vi o Sr.X no café a tomar uma bica.

Pode igualmente haver incompatibilidade entre os elementos de um subsistema constituído por mais de dois elementos. São disso exemplo os pares de unidades lexicais *amar/odiar*, *carrasco/vítima*, *direita/esquerda*, etc, em que a asserção negativa de uma das unidades não implica (\nrightarrow) a asserção positiva da outra:

- (9) a. ele ama X \rightarrow ele não odeia X
mas
b. ele não ama X \nrightarrow ele odeia X
- (10) a. ele é o carrasco de X \rightarrow ele não é a vítima de X
mas
b. ele não é o carrasco de X \nrightarrow ele é a vítima de X
- (11) a. ele está à direita de X \rightarrow ele não está à esquerda de X
mas
b. ele não está à direita de X \nrightarrow ele está à esquerda de X (pode estar à frente de X)

Estes pares estão em relação de **antonímia não-binária**, isto é, pertencem a subsistemas lexicais constituídos por mais de dois elementos. Esses subsistemas podem corresponder a classes fechadas cujos elementos são, por exemplo, os nomes dos dias da semana, ou das estações do ano, ou dos naipes das cartas de jogar. Podem também corresponder a classes abertas cujos elementos são, por exemplo, os nomes das cores, das plantas, etc:

- (12) a. o trunfo é ouros \rightarrow o trunfo não é paus
mas
b. o trunfo não é ouros \nrightarrow o trunfo é paus (pode ser copas ou espadas)
- (13) a. a camisola é azul \rightarrow a camisola não é preta
mas
b. a camisola não é azul \nrightarrow a camisola é preta (pode ser roxa, verde, etc.)

Independentemente da estruturação semântica do léxico da língua, há relações que são construídas numa determinada enunciação. A bem conhecida sequência *quem não é por mim é contra mim* exemplifica a construção de uma relação de complementaridade binária entre os predicados (*ser*) *por* e (*ser*) *contra*. No entanto, no léxico, estes predicados estão associados por uma relação semân-

tica de antonímia não-binária, isto é, integram um subsistema a que pertence também o predicado *(ser)neutro*.

O seguinte excerto de um poema de Jorge de Sena contém outro exemplo de umarelacão de antonímia binária complementar construída na enunciação:

- (14) Para viver-se longamente ou se é de ferro
ou vendo um velho penso: quanta gente
assassinou, envenenou, pisou ou destruiu?
.....
Ou se é de ferro. Ou criminoso antigo
que a si se perdoou do mal que fez
e aos outros perdoou que tenham sido as vítimas.

No universo deste texto, é construída, entre os predicados *ser de ferro* e *(ser) criminoso antigo*, uma relação de complementaridade binária marcada pela disjunção exclusiva *ou ... ou ...*. Esta relação divide o conjunto dos indivíduos definidos pelas propriedades predicadas *viver longamente* e *(ser) um velho* em dois subconjuntos complementares — definidos, respectivamente, pelas propriedades correspondentes aos dois predicados atrás mencionados — estando excluída qualquer outra hipótese.

Por vezes, é o próprio universo dos objectos sobre os quais se faz a predicação que determina que a antonímia construída seja binária (ex.(15)) ou não-binária (ex.(16)):

- (15) a. ele é um bom filho → ele não é um mau filho
b. ele não é um bom filho → ele é um mau filho
- (16) a. ele é bom aluno → ele não é mau aluno
mas
b. ele não é bom aluno ↯ ele é mau aluno (pode ser um aluno médio)

9.2 Antonímia graduável

Observando as seguintes relações de implicação:

- (17) a. o café está quente → o café não está frio
b. o café não está quente ↯ o café está frio (pode estar morno)

Concluimos que entre as unidades lexicais *quente* e *frio* não há uma relação de antonímia binária complementar. Verifica-se, além disso, que estas unidades se podem combinar com os quantificadores *pouco*, *um pouco*, *muito*, etc:

-
- (18) a. o café está pouco/muito quente/quentíssimo/a ferver
b. o café está pouco/muito frio/gelado

Podemos, portanto, associar as unidades *quente* e *frio* aos extremos (ou pólos) de uma escala contínua cujos pontos intermédios correspondem à combinação das unidades lexicais com os quantificadores *pouco*, *um pouco*, *ligeiramente*, *bastante*, *muito*, *muitíssimo*, *mais/menos... que*, etc. Diz-se, então, que *quente* e *frio* são **antónimos graduáveis**.

Diremos, generalizando, que entre duas unidades lexicais P e Q há uma relação semântica de **antonímia graduável** (ou **polar** ou **escalar**) quando essas unidades podem ser associadas aos extremos (ou pólos) opostos de uma escala contínua. São também antónimos graduáveis em português, entre muitos outros, os pares *grande/pequeno*, *rico/pobre*, *bom/mau*, *longe/perto*.

Vimos atrás que a graduação ao longo da escala é expressa pela combinação das unidades lexicais com os quantificadores *muito*, *bastante*, *pouco*, *mais que*, etc. Pontos intermédios da escala podem corresponder a unidades diferentes. É, por exemplo, o caso de *morno*, *tépido*, *fresco*, na antonímia entre *quente* e *frio*, ou de *remediado*, na antonímia entre *rico* e *pobre*.

O recurso à combinação com quantificadores é, por vezes, insuficiente, quando se pretende exprimir o grau mais elevado (positivo ou negativo) da escala. São então introduzidas no sistema unidades lexicais diferentes, que variam com o universo dos objectos sobre os quais incide a predicação. Para a antonímia entre *quente* e *frio* encontrámos, no exemplo (18), *a ferver* e *gelado*, como expressão do grau mais elevado positivo e negativo, respectivamente. Se, porém, a predicação construísse o universo de referência da temperatura ambiente, as expressões seriam diferentes: por exemplo, *está um forno* em oposição a *está um gelo*.

Este tipo de antonímia envolve, implícita ou explícita, uma comparação:

- (19) a. o rato Mickey é mais bonito do que o pato Donald
b. o Mickey é um rato grande

Em (19a), a comparação é explícita. Em (19b), a comparação, implícita, tem *o Mickey* como primeiro termo e a classe definida pela propriedade «ser rato» (isto é, a classe de todos os ratos), como segundo termo: *o Mickey é grande para rato*, é grande enquanto rato e não em termos absolutos.

Da observação das seguintes relações de implicação entre frases destaca-se o carácter relativo das propriedades expressas pelas unidades lexicais que integram os subsistemas de antónimos graduáveis:

- (20) a. o Mickey é um rato → o Mickey é um animal
 b. o Mickey é um rato azul → o Mickey é um animal azul
 mas
 c. o Mickey é um rato grande ≠ o Mickey é um animal grande

Como atrás se disse, o objecto designado pela expressão *o Mickey* só é grande quando comparado com os outros ratos, não em comparação com a generalidade dos outros animais. Desaparece, como se vê em (20c), a relação de implicação determinada pela hiponímia de *ratō* em relação a *animal* (ex.(20a))¹. Mas essa relação mantém-se na passagem de (20a) para (20b).

¹ Ver 9.4

Constata-se, assim, uma diferença formal entre alguns elementos que integram subsistemas definidos por relações de antonímia graduável e os elementos de outros subsistemas lexicais (por exemplo, como em (20c), os subsistemas organizados em torno do termo *cor* ou de alguns dos seus hipónimos). Ao modificarem unidades lexicais em relação de hiponímia, os predicados que designam cores não interferem nas propriedades que estão na base dessa relação. Há, pelo contrário, predicados graduáveis que podem alterar aquelas propriedades. Mas não são todos, como mostra o seguinte exemplo:

- (21) o Mickey é um rato simpático → o Mickey é um animal simpático

Os predicados graduáveis apresentam ainda, em português e em muitas outras línguas, uma característica que julgo interessante referir. A unidade lexical que exprime o valor positivo da propriedade e que, na frase assertiva, se opõe a uma outra unidade que exprime o valor negativo — (*é*) *alto/baixo*, por exemplo — está muitas vezes na origem da unidade que exprime a própria propriedade, isto é, o valor neutro — *altura*. Isto verifica-se, ainda que o valor da propriedade seja negativo:

- (22) a. O homem é muito baixo/alto. Que altura tem?
 b. L'épaisseur de la couche est nulle, infinie, infiniment grande²

² Exemplo tirado de Culioli 1978: 308.

É interessante constatar que, na interrogativa em inglês, o termo neutro sobre o qual incide a interrogação coincide com o próprio termo que exprime o pólo positivo da escala:

- (23) a. How far is it?
 b. Is it far from here?

Segundo Lyons (1963: 113), dá-se, no contexto interrogativo, uma espécie de neutralização da oposição — *far/near*. O termo associado ao pólo positivo não exclui o termo associado ao pólo negativo. É toda a escala que é introduzida no universo de referência, equivalendo à interrogação em que os dois

valores estão presentes (forma de interrogação total também corrente em português e em muitas outras línguas):

- (24) a. Is it far or near?
b. É longe ou perto?

Nos casos em que existe um nome formado sobre o termo que exprime o pólo neativo, esse nome parece pertencer, exclusivamente, ao campo semântico das qualidades abstractas (*baixeza de carácter, estreiteza de vistas*, etc.).

9.3. Antonímia conversa

Consideremos o exemplo (25), em que as unidades lexicais *pai* e *filha* são usadas predicativamente:

- (25) a. o Gil é pai da Ana
b. a Ana é filha do Gil

Observa-se o seguinte: (a) a frase (25b) obtém-se a partir de (25a) invertendo a ordem sintáctica dos argumentos *o Gil* e *a Ana* e substituindo a unidade *pai*, que funciona como expressão predicativa, pelo unidade *filha*; (b) a relação estabelecida em (25a) permanece inalterada em (25b), isto é, as duas frases são semanticamente equivalentes. Diz-se, neste caso, que entre as unidades lexicais *pai* e *filha* há uma relação semântica de **antonímia conversa** (ou que as unidades *pai* e *filha* são **antónimos conversos**). Esta relação só pode ocorrer com unidades lexicais usadas como predicados de dois lugares.

Estão em relação de antonímia conversa, entre muitos outros, os seguintes pares de unidades lexicais: formas de comparativo de antónimos graduáveis (*mais alto/baixo que, menos bonito/feio que*, etc.), forma activa e passiva correspondente de verbos transitivos (*comer/ser comido*, etc.), e ainda verbos como *comprar/vender*, locuções prepositivas exprimindo localização relativa temporal ou espacial, como *antes/depois de, à direita/esquerda de*, etc:

- (26) a. a Ana é mais alta que o Gil
b. o Gil é mais baixo que a Ana

- (27) a. a Ana comeu o bolo
b. o bolo foi comido pela Ana

- (28) a. o Gil comprou um livro à Ana
b. a Ana vendeu um livro ao Gil

-
- (29) a. o jantar é antes do teatro
b. o teatro é depois do jantar
- (30) a. o Gil está à direita da Ana
b. a Ana está à esquerda do Gil

Observemos agora as seguintes frases:

- (31) a. o Gil casou com a Ana
b. a Ana casou com o Gil
- (32) a. o Gil é tão alto como a Ana
b. a Ana é tão alta como o Gil
- (33) a. o Gil está ao lado da Ana
b. a Ana está ao lado do Gil

Verifica-se que, se invertermos em qualquer das frases (a) a ordem dos argumentos, e mantivermos o mesmo predicado, obtém-se uma nova frase semanticamente equivalente à primeira. Um predicado nestas condições é habitualmente designado por **predicado simétrico**.

Relacionando os conceitos de predicado simétrico e de predicados em antonímia conversa, vamos ilustrar a forma como, em línguas diferentes, o léxico se estrutura diferentemente. As frases (31) servir-nos-ão de ponto de partida para esta exemplificação.

A noção que, em português, está subjacente à expressão verbal *casar com* — que, como vimos atrás, é um predicado simétrico —, também em francês e em inglês se realiza linguisticamente através de predicados simétricos:

- (34) a. Jean a épousé Marie
b. Marie a épousé Jean
- (35) a. John married Mary
b. Mary married John

Há línguas, porém, em que aquela noção é expressa por dois predicados diferentes que têm, entre si, uma relação de antonímia conversa. É o que se passa, por exemplo, em latim: quando o sujeito da frase é do sexo feminino, o verbo usado é *nubere*, mas se o sujeito é do sexo masculino, emprega-se a expressão verbal *in matrimonium ducere*¹.

¹ Lyons 1968: 468.

9.4 Hiponímia

Ao ler o romance *Os Maias*, deparamos com uma grande variedade de verbos enunciativos, isto é, verbos que exprimem a própria actividade enunciativa (*dizer, murmurar, perguntar, ordenar*, etc.). Para a nossa exemplificação escolhemos alguns dos verbos que introduzem discurso directo (e que estão em itálico em cada exemplo):

- (36) a. - Lisboa era bem mais divertida - *disse* Carlos.
b. - Quando penso, menino - *murmurou* ele, mordendo sombriamente o charuto - que (...)
c. - E que somos nós? - *exclamou* Ega.
d. - Eu não quero questões, eu não quero questões!... - *balbuciou* o Dâmaso (...)
e. - Tens razão - *replicou* Carlos muito sério.

Na definição do sentido de cada um dos verbos enunciativos que ocorrem nos exemplos acima, encontramos um traço comum — «dizer» — a que, no caso de *murmurar, exclamar, balbuciar* e *replicar*, se acrescentam outros traços, definitórios da sua especificidade. O sentido de *dizer* está, portanto, incluído no sentido de cada um dos outros verbos. Diz-se, então, que entre cada um desses verbos e o verbo *dizer* há uma relação semântica de hiponímia: o termo mais específico — *murmurar, exclamar, balbuciar*, etc. — é **hipónimo** do termo mais geral — *dizer* —, e este é termo **superordenado** (ou **hiperónimo**) em relação a cada um dos termos mais específicos. Diz-se também que *murmurar, exclamar*, etc, são **co-hipónimos** em relação a *dizer*.

Generalizando, podemos dizer que entre duas unidades lexicais P e Q há uma relação semântica de hiponímia se o sentido de Q está incluído no sentido de P: sendo o termo mais geral (Q) definido pela propriedade 'a' e o termo mais específico (P) definido pelas propriedades 'a' e 'b', diz-se que P é hipónimo de Q, e que Q é hiperónimo de P ou termo superordenado em relação a P. As unidades que têm 'a' como uma das suas propriedades definitórias são co-hipónimas de Q, ou em relação a Q.

Podemos desde já concluir que, ao contrário das relações de antonímia, que são relações simétricas — se P é antónimo (complementar, graduável, converso) de Q, então Q é antónimo de P —, a hiponímia é uma relação assimétrica — se P é hipónimo de Q, então Q não é hipónimo de P.

Por exemplo, a unidade *flor* é termo superordenado no subsistema em que os restantes elementos — co-hipónimos de *flor* — são *rosa, cravo, tulipa*, etc: *flor* é definido pela propriedade «ser flor», *rosa* é definido pela propriedade «ser flor» acrescida de outra propriedade que exprime a especificidade de *rosa*, etc. Outros exemplos ainda: *cor* é termo superordenado em relação a *azul, amarelo, encarnado*, etc, que são co-hipónimos de *cor*; *comer* é termo superordenado em relação a *devorar, tragar*, etc, que são co-hipónimos de *comer*; etc.

Dizer que P é hipónimo de Q equivale a dizer que P é um tipo ou uma espécie de Q, ou, simplesmente, que P é um Q: *a rosa é uma (espécie de) flor, o azul é uma cor, o ácido é um sabor, o redondo é uma forma, o quadrado é um polígono, murmurar é (um) dizer (em voz baixa), etc.*

Vejamus uma consequência na sintaxe resultante da constituição de subsistemas lexicais definidos por relações semânticas de hiponímia. Por exemplo, no subsistema em que *flor* é termo superordenado, todos os elementos pertencem à mesma categoria lexical — são Nomes —, e entre eles existem **relações paradigmáticas**, isto é, são intersubstituíveis na generalidade dos contextos:

(37) comprei um ramo de flores/rosas/cravos/tulipas/etc.

O mesmo se passa em muitos outros subsistemas:

- (38) a. a sopa é de legumes/favas/nabos/cenouras/etc.
b. ele disse/murmurou/vociferou/etc. que está a chover
c. um polígono/triângulo/quadrado/etc. é uma figura fechada por segmentos de recta

Há, nestes casos, uma relação de implicação unilateral entre a frase que contém o termo hipónimo e a frase que contém o termo superordenado (quando estes termos estão integrados em expressões indefinidas):

- (39) a. comprei uma rosa → comprei uma flor
mas
b. comprei uma flor ↯ comprei uma rosa

Quando, na relação de implicação, o termo hipónimo e o termo superordenado ocorrem em expressões definidas, só haverá relação de implicação se tiver sido explicitado, contextualmente, que os dois termos têm o mesmo referente, isto é, que são correferentes:

(40) a rosa cheira bem ↯ a flor cheira bem

Pode existir, por vezes, uma relação de implicação bilateral entre a frase que contém o termo hipónimo e a que contém o termo superordenado. É o que se passa em português com as unidades lexicais *encarnado* e *vermelho*, entre as quais existe uma relação de **hiponímia simétrica**. Dentro do subsistema lexical cujo termo superordenado é *cor*, podem constituir-se diversos subsistemas. Destes, um tem como termo superordenado a unidade *encarnado* e, como hipónimos, as unidades *vermelho*, *púrpura*, *rubro*, *carmesim*, *escarlata*, etc. Para muitos falantes nativos do português, porém, o termo superordenado pode ser, indiferentemente, *vermelho* ou *encarnado*. Então, se uma destas duas unidades é termo superordenado, a outra será seu hipónimo. É neste caso que se pode falar de relação de hiponímia simétrica, correspondendo à sinonímia

ou identidade de sentido. E haverá, entre as seguintes frases, uma relação de implicação bilateral:

- (41) a. comprei um fato vermelho → comprei um fato encarnado
b. comprei um fato encarnado → comprei um fato vermelho

Fala-se de **relações quase-paradigmáticas** quando o termo superordenado pertence a uma categoria lexical diferente da dos seus hipónimos. Por exemplo, nos subsistemas em que o termo superordenado é *cor* ou *forma* (categoria lexical Nome), os hipónimos respectivos, no seu uso predicativo, ocorrem geralmente na categoria Adjectivo. Então, ou não é possível a ocorrência do hiperónimo nos contextos em que ocorrem os hipónimos (exs.(42a) e (42b)), ou essa ocorrência só é possível mediante alterações sintácticas (ex.(42c)):

- (42) a. este líquido é doce/amargo/ácido/*sabor
b. tenho uma mesa redonda/quadrada/oval/*forma
c. comprei um fato azul/verde/amarelo/*cor/de cor

Como para os outros tipos de relações semânticas, também a relação de hiponímia entre predicados pode ser construída numa enunciação particular. Retomemos o texto de Jorge de Sena apresentado como exemplo (14), que aqui repito parcialmente como exemplo (43):

- (43) Para viver-se longamente ou se é de ferro
ou vendo um velho penso: quanta gente
assassinou, envenenou, pisou ou destruiu?

Encontramos a construção de um subsistema lexical constituído pelos predicados em *itálico*. Do sentido desses predicados faz parte uma propriedade comum, que define semanticamente o termo do subsistema em relação ao qual eles são co-hipónimos. Esse termo pode estar ausente, mas pode também ser um dos predicados presentes. Talvez *destruir*. Encontrar o hiperónimo daquele subsistema será um momento na interpretação do poema.

9.5 Relações parte-todo

Comparemos as expressões nominais *o nariz do Gil* e *o livro do Gil*. Estamos, em ambos os casos, perante a expressão de relações de posse. No entanto, à primeira expressão podemos associar a frase *o nariz é uma parte do Gil* mas à segunda não podemos associar a frase equivalente *?o livro é uma parte do Gil* (a não ser, talvez, metaforicamente). Definimos então, entre as unidades lexicais *nariz* e *Gil*, uma relação **parte-todo**, que corresponde a uma relação semântica de **posse inalienável**.

Diz-se, portanto, generalizando, que existe uma relação parte-todo entre duas unidades lexicais P e Q quando estas unidades têm entre si uma relação semântica de posse inalienável, isto é, quando se pode dizer que P é uma parte de Q:

- (44) a. o volante é uma parte do carro
b. o nariz é uma parte do corpo

A expressão nominal *o livro do Gil* exprime, pelo contrário, uma relação de **posse alienável** entre *o Gil* e *o/um livro*. Como atrás salientámos, dificilmente se dirá:

- (45) ? o livro é uma parte do Gil

Mas à expressão *o livro do Gil* associa-se a frase (46):

- (46) o Gil tem um livro

Pelo contrário, à expressão *o nariz do Gil* não se associa geralmente a frase (47):

- (47) o Gil tem um nariz

a não ser quando, em contexto linguístico ou prosódico adequado, se predica uma propriedade que permite distinguir o nariz do Gil do nariz de outras pessoas:

- (48) o Gil tem um nariz enorme/o Gil tem um nariz!

A relação de posse inalienável manifesta-se sintacticamente de forma variável de língua para língua. Assim, em português, na seguinte frase:

- (49) o Gil partiu o nariz

define-se entre *o Gil* e *o nariz* uma relação de posse inalienável. A expressão nominal *o nariz* é, portanto, identificada referencialmente no próprio contexto frásico, isto é, intraproposicionalmente: trata-se, necessariamente, de «o nariz do Gil». Já na frase (50):

- (50) o Gil partiu o vidro

não é possível, em contexto vazio (isto é, na ausência de qualquer contexto), determinar referencialmente a expressão nominal *o vidro*. Esta expressão adquire referência enquanto segundo termo de uma relação anafórica¹, cujo primeiro termo (ou antecedente) é outra expressão nominal do texto, referencialmente determinada, e com a qual a expressão *o vidro* se identifica referencialmente. Vejamos o exemplo (51):

- (51) comprei um relógio com um vidro muito bonito. Ontem o Gil partiu o vidro

¹ Ver unidade 12

A expressão *o vidro* adquire referência no contexto linguístico em que se encontra, ao identificar-se referencialmente, numa relação anafórica, com a expressão nominal indefinida *um vidro muito bonito*, que introduz o referente de *o vidro* no universo de referência construído naquela enunciação particular.

Vejamos outros exemplos ainda:

- (52) a. a Ana sujou o vestido
b. o Gil estampou o carro

Em contexto vazio, as expressões *o vestido* e *o carro* são interpretadas referencialmente como sendo «o vestido da Ana» e «o carro do Gil», respectivamente. Parece haver entre *o vestido* e *a Ana* e entre *o carro* e *o Gil* uma relação anafórica intraproposicional semelhante à que tínhamos encontrado entre *o nariz* e *o Gil* (ex.(49)). Podemos concluir que, em português, a relação de posse em que o termo «possuído» corresponde a determinados objectos de uso pessoal (ou vistos como tal) — «vestido», «carro», etc. — projecta-se sintacticamente como uma relação de posse inalienável.

No entanto, em contexto adequado, a interpretação pode ser outra:

- (53) a. a Ana comprou uma camisola e um vestido caríssimos. Pois a Maria já sujou o vestido!
b. o Gil ganhou, num concurso, um carro e um barco. Pois o João já estampou o carro!

Em (53), a interpretação referencial de *o vestido* e de *o carro* parece ser, preferencialmente, «o vestido comprado pela Ana» e «o carro ganho pelo Gil», num processo de identificação anafórica com, respectivamente, as expressões *um vestido* e *um carro*, introduzidas anteriormente no texto.

Esta interpretação não é possível quando há entre os argumentos da frase uma relação de posse inalienável:

- (54) a Ana fez uma plástica e tem agora uns olhos e um nariz perfeitos.
Pois o Gil partiu o nariz

Apesar da existência de um contexto anterior em que é introduzida uma primeira ocorrência de *(um) nariz*, a expressão *o nariz* retira a sua referência da relação anafórica que tem, no interior da frase, com a expressão *o Gil*.

Comparando as frases (49) e (52a) — *o Gil partiu o nariz* e *a Ana sujou o vestido*, respectivamente — com as frases equivalentes em francês e em inglês:

- (55) a. Jean s'est cassé le nez
b. John has broken his nose

-
- (56) a. Marie a sali sa robe
b. Mary has dirtied her dress

podemos sublinhar, em português, o carácter anafórico do artigo definido nas relações de posse. O carácter anafórico, necessário para esta interpretação, exige, em francês e em inglês, a explicitação da ligação ao possuidor, através de uma construção pronominal (em francês) ou da presença de um possessivo (em francês e em inglês).

9.6 Tópicos de recapitulação geral

- Relações semânticas e subsistemas lexicais
- Consequências sintácticas de algumas relações semânticas

Referências bibliográficas

- CULIOLI, A. 1978 - «Valeurs modales et opérations énonciatives», *Le Français moderne* 46(4), 300-317.
- LYONS, J. 1963 - *Structural Semantics*, Oxford, Blackwell (Tradução portuguesa: *Semântica estrutural*, Lisboa, Editorial Presença, 1974).
- LYONS, J. 1968 - *Introduction to Theoretical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press (Tradução francesa: *Linguistique générale*, Paris, Larousse, 1970).